

Assimetrias na aquisição de interrogativas de sujeito e de objecto: dados de produção

Joana Cerejeira

Universidade Nova de Lisboa

Abstract

Cross-linguistic studies have shown that wh-questions are a domain in which children acquiring their first language exhibit difficulties and that object wh-questions are acquired later than subject questions. This study aimed at testing whether typically developing children acquiring European Portuguese find object questions harder than subject questions. The existence of such an asymmetry can reveal that children have problems with thematic-role transfer and/or with crossing dependencies. An experimental task regarding the production of subject and object wh-questions was conducted with three to five year old children acquiring European Portuguese as their first language. The results revealed a perfect performance in subject questions since the age of three but with respect to object questions their performance was characterized by troubles with theta-role assignment, which can be explained by the intervention effect existing in object questions.

Keywords: wh-questions, subject, object, acquisition, intervention.

Palavras-chave: interrogativas-Q, sujeito, objecto, aquisição, intervenção.

1. Introdução

Estudos efectuados para o Inglês, o Italiano ou o Hebraico têm mostrado que, em contexto de aquisição, existe uma assimetria entre interrogativas de sujeito (IS) e interrogativas de objecto (IO) que favorece as IS (Radford, 1990; Stromswold, 1995; van der Lely & Battell, 2003; Seidl *et al.*, 2003; Ervin-Tripp, 1970; Tyack & Ingram, 1977; De Vicenzi *et al.*, 1999; Friedmann *et al.*, 2009). Ao mesmo tempo, estudos sobre orações relativas de sujeito (RS) e de objecto (RO) efectuados para o Português Europeu (PE) e para o Hebraico têm mostrado que as crianças a adquirir a sua língua materna manifestam mais dificuldades em relativas de objecto (Ferreira, 2008; Costa *et al.*, 2009;

Friedmann & Novogrodsky, 2004, 2006; Friedmann *et al*, 2009). Tendo em conta que não existe consenso sobre as razões subjacentes ao desenvolvimento mais tardio das IO/RO, e sendo que existe um paralelismo estrutural entre IS/RS, por um lado, e IO/RO, por outro, construiu-se o puzzle que serviu como ponto de partida para este trabalho. A sua resolução poderá contribuir para o aperfeiçoamento das medidas de avaliação do desenvolvimento da linguagem e, conseqüentemente, para um diagnóstico mais assertivo e depurado de perturbações adquiridas ou congénitas da linguagem, o qual é imprescindível à eficácia da prática clínica em contexto de terapia da fala.

As interrogativas de sujeito e de objecto (tal como as orações relativas de sujeito e de objecto) implicam três fenómenos sintácticos comuns: o movimento de constituintes para CP; a criação de uma dependência A-barras e a transferência de papéis temáticos. Neste artigo assume-se que, devido à existência, em C, dos traços não-interpretáveis [*uWh*] e [*uT*], o sintagma-Q se move desde a sua posição de origem (de [Spec, IP], no caso das IS, e de argumento interno do verbo, no caso das IO) para a posição de [Spec, CP], de modo a verificar o traço [*uWh*] (Soares, 2006; Pesetsky & Torrego, 2001), e que o verbo flexionado se move para posição C°, de modo a verificar o traço [*uT*]¹ (Soares, 2006). Por outro lado, numa interrogativa, ao movimento do sujeito ou do objecto da oração, desde a sua posição de base para [Spec, CP], corresponde a criação de uma dependência A-barras. Finalmente, esse movimento é acompanhado pela transferência de papéis temáticos: o papel temático de sujeito ou de objecto é atribuído pelo verbo nas respectivas posições temáticas, ou seja, na posição de argumento externo do verbo (sujeito) e na posição de argumento interno do verbo (objecto). De modo a manter uma interpretação semântica semelhante em todos os níveis de análise, a transferência do papel temático acompanha o movimento do constituinte para uma posição não-temática.

A principal diferença entre interrogativas de sujeito (1a) e interrogativas de objecto (1b) é que as IO, mas não as IS, têm como consequência a criação de uma dependência em que há intervenção de um argumento/papel temático. Ou seja, quando o objecto – com papel temático de tema – se move desde a sua posição de base para a posição de [Spec, CP], atravessa o argumento com papel temático de agente, ou seja, o sujeito. Deste modo, as interrogativas de objecto, mas não as de sujeito, constituem *crossing-dependencies*, na medida em que o sujeito intervém entre o objecto e o seu vestígio.

(1) a.  Quem é que ___ está a abraçar a menina?

¹ Assume-se, seguindo também Soares (2006), que, nas interrogativas com ‘é que’, este núcleo invariável é inserido na estrutura sintáctica através de *external merge*, mantendo-se o verbo flexionado na sua posição de base, I°. De acordo com a autora, ‘é que’ possui uma flexão mínima capaz de verificar [*uT*].

b. Quem é que a  avó está a abraçar ___?

Referiu-se anteriormente que, na literatura sobre aquisição de sintaxe, está atestada a existência de dificuldades em interrogativas de objecto e em relativas de objecto, as quais são adquiridas mais tardiamente face às interrogativas e relativas de sujeito. Tendo em conta as assunções teóricas que subjazem a este trabalho, défices na produção e na compreensão de interrogativas podem estar associados aos três sub-aspectos inerentes a estas construções: acesso a CP, movimento A-barra e transferência de papéis temáticos. Sendo que o acesso a CP e o movimento A-barra são fenómenos partilhados por interrogativas de sujeito e de objecto, uma assimetria entre os dois tipos de interrogativas que favoreça as IS exclui a existência de um problema estrutural de acesso a CP ou de um problema na formação de cadeias A-barra. Foi com base neste racional teórico que se desenvolveu a hipótese explicativa do défice em IO e RO adiantada por Friedmann & Novogrodsky (2004) e corroborada em Friedmann & Novogrodsky (2006), Friedmann *et al* (2009), Ferreira (2008) e Costa *et al* (2009). De acordo com estes autores, as dificuldades em IO e em RO estão associadas a um défice na transferência de papéis temáticos, a qual é mais complexa nestas construções. Friedmann *et al* (2009) e Costa *et al* (2009) procedem a um refinamento desta hipótese defendendo que complexidade do processo de transferência de papéis temáticos se deve ao facto de as IO e de as RO envolverem uma dependência A-barra em que há a intervenção de um sujeito entre o objecto e o seu vestígio. Especificamente, Friedmann *et al* (2009) defendem que a compreensão de IO nem sempre é problemática em contexto de aquisição, tratando-se de um fenómeno selectivo e condicionado pela semelhança estrutural entre o constituinte deslocado por movimento A-barra e o sujeito que é intersectado (interveniente) no decurso desse movimento. De acordo com estes autores, a compreensão de IO encontra-se comprometida apenas quando o elemento movido e o interveniente incluem um NP lexical, ou seja, quando partilham o traço [+NP]. Finalmente, Friedmann & Costa (no prelo) testaram a compreensão de construções que envolvem intervenção, mas sem movimento-Wh, como é o caso de estruturas coordenadas do tipo *The girl kissed the boy and went to the beach*. Nesta construção, *the boy* intervém entre o sujeito *the girl* e o sujeito vazio de *went to the beach*. Os autores verificaram que estas estruturas também são problemáticas em contexto de aquisição, suportando a hipótese de que a intervenção é um fenómeno problemático *per se*.

Tomando como ponto de partida a hipótese anteriormente descrita, desenvolveu-se um estudo experimental no qual se testou a produção de interrogativas de sujeito e de objecto em contexto de aquisição de PE. Tendo em conta as assunções teóricas deste trabalho, era esperado que problemas no acesso a CP ou na formação de cadeias A-barra fossem representados por uma performance não-adulta em IS e IO, caracterizada pela ausência de assimetrias entre os dois tipos de interrogativas. Por seu turno, era esperado que problemas na transferência de papéis temáticos em dependências nas quais

intervém um constituinte (1b) fossem representados por uma assimetria entre IS e IO que favorecesse as IS.

O estudo experimental será apresentado nas secções seguintes, as quais estão organizadas da seguinte forma: na secção 2 será apresentada a metodologia utilizada para elicitare a produção de IS e de IO; na secção 3 serão apresentados os resultados; na secção 4 será apresentada a sua discussão e serão descritas as principais conclusões.

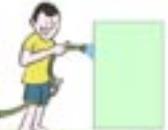
2. Metodologia

2.1. Desenho experimental

O estudo experimental aqui apresentado consiste numa tarefa de produção elicitada de interrogativas de sujeito e de objecto. Foram induzidas sessenta interrogativas distintas: i) **10 Interrogativas de sujeito com verbo semanticamente reversível (SR)**, i.e., interrogativas em que o sujeito e o objecto são seres [+ animados] e nas quais o verbo permite a reversibilidade dos papéis temáticos. Ex: Quem é que está a molhar o menino?; ii) **10 Interrogativas de sujeito com verbo semanticamente irreversível (SI)**, i.e., interrogativas em que o sujeito é [+ animado] e o objecto é [- animado] e nas quais o verbo não permite a reversibilidade dos papéis temáticos. Ex: Quem é que está a comer a maçã?; iii) **10 Interrogativas de objecto com verbo semanticamente reversível (OR)**. Ex: Quem é que o pai está a molhar?; iv) **10 Interrogativas de objecto com verbo semanticamente irreversível (OI)**. Ex: O que é que a menina está a comer?; v) **20 Interrogativas distractoras**: interrogativas de sim/não.

Este teste incluiu a apresentação de desenhos em formato power-point e um fantoche (Pinóquio), controlado pelo experimentador. As respostas das crianças foram apontadas manualmente numa folha de registo e gravadas em formato áudio.

Cada uma das interrogativas foi elicitada através da apresentação de um desenho representante da acção tangente à respectiva interrogativa, sendo que cada desenho incluía um elemento omissio. Assim, por exemplo, para elicitare uma SR do tipo *Quem é que está a molhar o menino?*, apresentava-se um desenho em que alguém (que não se via) estava a molhar um menino. Perante este desenho, era dado à criança o seguinte estímulo: “Alguém está a molhar o menino. Eu quero saber quem! Pergunta ao Pinóquio!”. O desenho completo (mostrando o elemento anteriormente omissio) era mostrado à criança assim que a interrogativa era formulada. Em seguida, apresenta-se um exemplo para SR e um exemplo para OR:

Interrogativa de sujeito com verbo reversível		
<p>1. Apresentação do desenho</p> 	<p>2. Estímulo:</p> <p>“Alguém está a molhar o menino. Eu quero saber quem! Pergunta ao Pinóquio!”</p> <p>Pergunta alvo:</p> <p>Quem é que está a molhar o menino?</p>	<p>3. Apresentação do desenho</p> 
Interrogativa de objecto com verbo reversível		
<p>1. Apresentação do desenho</p> 	<p>2. Estímulo:</p> <p>“O pai está a molhar alguém. Eu quero saber quem! Pergunta ao Pinóquio!”</p> <p>Pergunta alvo:</p> <p>Quem é que o pai está a molhar?</p>	<p>3. Apresentação do desenho</p> 

2.2. Participantes

Todos os indivíduos que participaram neste estudo eram falantes nativos e monolíngues de PE, residentes na área metropolitana de Lisboa, sem diagnóstico ou indicação de problemas auditivos ou de desenvolvimento linguístico e/ou cognitivo. Este teste foi aplicado a 80 participantes, divididos em 4 grupos, de acordo com a faixa etária:

Grupo Etário	Média Idades	Sexo F	Sexo M	Total
[3;2 - 3;11]	3;6	9	11	20
[4;1 - 4;10]	4;6	10	10	20
[5;0 - 5;11]	5;6	9	11	20
G. Controlo	28	13	7	20
Total	41	39	80	

Tabela 1. Participantes

3. Resultados

Tal como é comum acontecer em tarefas de produção, encontrou-se uma variabilidade imensa nas interrogativas formuladas pelas crianças. Deste modo, em vez de uma análise classificatória, efectuou-se uma análise com base em quatro condições:

(A) Gramaticalidade (interrogativas gramaticais em PE);

(B) Conformidade com a pergunta-alvo (i.e. interrogativa equivalente à interrogativa produzida pelo adulto)²;

(C) Transferência de papéis temáticos adequada;

(D) Preenchimento de C (através de ISV, nas IO, ou da introdução de *é que*, em IS e IO).

(A) Gramaticalidade

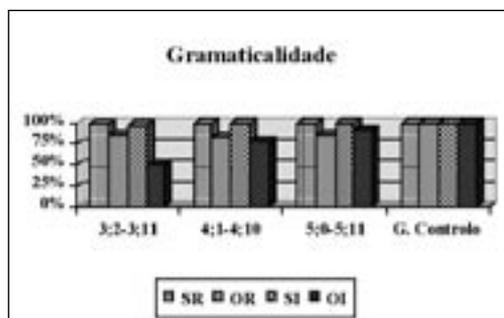
Em seguida, apresentam-se os resultados dos dados analisados em função da gramaticalidade das interrogativas formuladas pelos diferentes grupos:

	Gramaticalidade							
	SR		OR		SI		OI	
[3;2 – 3;11]	198/200	99%	171/200	85,5%	196/200	98%	100/200	50%
[4;1 – 4;11]	200/200	100%	166/200	83%	200/200	100%	156/200	78%
[5;0 – 5;11]	199/200	99,5%	173/200	86,5%	198/200	99%	184/200	92%
G. Controlo	200/200	100%	200/200	100%	200/200	100%	200/200	100%

Tabela 2. Produção de interrogativas gramaticais

² As interrogativas formuladas pelos adultos foram de uma regularidade extrema, pelo que se optou por incluir também esta condição. A sua pertinência advém do seguinte: frequentemente, as crianças produzem interrogativas gramaticais, mas que são diferentes das interrogativas formuladas pelos adultos. Por exemplo, estes produzem interrogativas com *é que* na grande maioria dos casos, o que não se verificou nas produções das crianças. Por outro lado, estas, muitas vezes, substituem uma IO por uma IS, produzindo contudo uma IS gramatical. Deste modo, a associação do critério “gramaticalidade” ao critério “conformidade com a pergunta-alvo” parece dar conta do desempenho das crianças de uma forma mais eficiente.

Gráfico 1. Produção de interrogativas gramaticais.



Verifica-se que, à excepção do grupo de controlo, a percentagem de IS gramaticais é sempre superior à percentagem de IO gramaticais. Em contexto de reversibilidade, a assimetria entre SR e OR é estatisticamente relevante³ nos grupos das crianças, com $p < 0,05$. Em contexto de irreversibilidade essa assimetria é relevante nos grupos [3;2 – 3,11] e [4;1 – 4;10], sendo considerada muito significativa ($p < 0,01$). No que respeita à percentagem de perguntas OR gramaticais, deve referir-se que a mesma não significa que as crianças dominem estas estruturas. Como se verá na descrição dos dados em função da transferência de papéis temáticos adequada, em grande parte dos casos, um estímulo para OR origina uma interrogativa gramatical, mas o facto é que muitas dessas interrogativas são de sujeito. São, portanto, interrogativas gramaticais, mas desadequadas ao estímulo. Assim, por exemplo: sendo dado um estímulo cujo objectivo seja elicitar uma interrogativa de objecto como *Quem é que o pai está a molhar?*, a criança produz *Quem é que está a molhar o menino?*, que corresponde a uma interrogativa de sujeito.

(B) Conformidade com a pergunta-alvo

Em seguida, apresentam-se os resultados dos dados analisados em função da conformidade das interrogativas das crianças com a pergunta-alvo:

	Interrogativas alvo							
	SR		OR		SI		OI	
[3;2 – 3;11]	24/200	12%	5/200	3%	28/200	14%	50/200	28%
[4;1 – 4;11]	151/200	76%	56/200	28%	171/200	86%	144/200	72%
[5;0 – 5;11]	180/200	90%	123/200	62%	187/200	94%	158/200	79%
G. Controlo	N/A		N/A		N/A		N/A	

Tabela 3. Produção de interrogativas-alvo

³ De modo a validar a relevância das diferenças de proporção encontradas, foram aplicados testes estatísticos aos dados aqui apresentados. Foram utilizados dois testes: o Teste Mann-Whitney U e o Teste de Wilcoxon para amostras emparelhadas (considerando o facto de ser a mesma criança a responder às diferentes interrogativas, o resultado dos testes não é independente). No que concerne a este artigo, os *p-values* dizem respeito ao Teste de Wilcoxon. Assumindo um nível de significância de 5%, a diferença entre as proporções é considerada estatisticamente significativa quando $p < 0,05$, muito significativa quando $p < 0,01$ e altamente significativa quando $p < 0,001$.

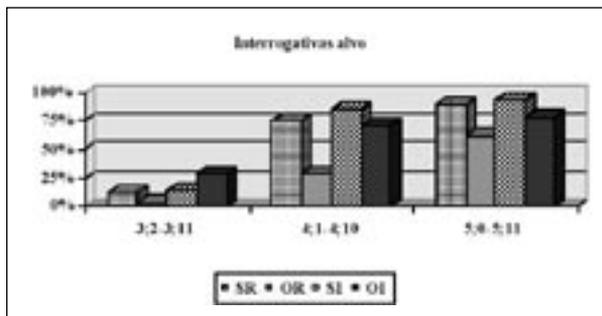


Gráfico 2. Produção de interrogativas-alvo

Estes dados mostram que, no grupo [3;2 – 3;11], as crianças produzem uma percentagem muito reduzida de interrogativas-alvo, quer de sujeito, quer de objecto. Neste grupo, a única assimetria estatisticamente significativa corresponde à diferença de percentagens de produção de interrogativas alvo OR e OI ($p = 0,01$). Nos grupos [4;1 – 4;11] e [5;0 – 5;11] existe uma assimetria altamente significativa entre SR e OR ($p < 0,001$), bem como uma assimetria relevante entre SI e OI ($p < 0,05$). Por outro lado, deve referir-se que, nestes grupos, a reversibilidade condiciona a performance em IO: as diferenças entre OR e OI são altamente significativas ($p < 0,001$). Nas IS, este fenómeno só é visível no grupo [4;1 – 4;11], não sendo contudo tão proeminente ($p = 0,04$). Ou seja, os dados parecem sugerir que a reversibilidade afecta sobretudo a performance em IO, na medida em que, em IS, os seus efeitos deixam de ser significativos no grupo [5;0 – 5;11]. Por outro lado, tendo em conta os dados dos grupos [4;1 – 4;11] e [5;0 – 5;11], as crianças parecem alcançar uma competência adulta para produzir IS antes de isso ser possível para as IO. Em contexto de IO, essa competência parece ser adquirida primeiramente nas interrogativas irreversíveis.

(C) Transferência de papéis temáticos adequada

Em seguida, apresentam-se os resultados dos dados analisados em função da transferência de papéis temáticos adequada:

	Transferência de papéis temáticos adequada							
	SR		OR		SI		OI	
[3;2 – 3;11]	198/200	99%	54/200	27%	196/200	98%	118/200	59%
[4;1 – 4;11]	200/200	100%	143/200	72%	200/200	100%	193/200	97%
[5;0 – 5;11]	199/200	99%	175/200	88%	198/200	99%	189/200	95%
G. Controlo	200/200	100%	200/200	100%	200/200	100%	200/200	100%

Tabela 4. Produção de interrogativas com transferência de θ adequada

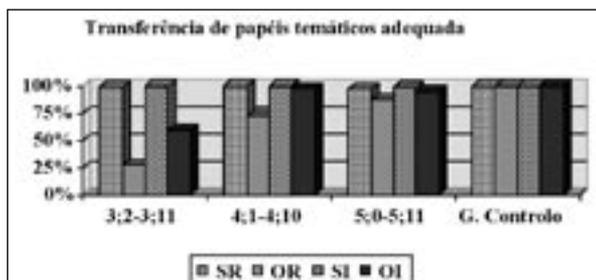


Gráfico 3. Interrogativas com transferência de papéis temáticos adequada

Tal como pode observar-se, existe uma assimetria clara entre IS e IO no que respeita à correcta transferência de papéis temáticos. Por um lado, em contexto de reversibilidade, a diferença de proporção entre SR e OR é significativa em todos os grupos de crianças ($p < 0,05$), sendo altamente significativa no grupo [3;2 - 3;11] ($p < 0,001$), muito significativa no grupo [4;1 - 4;11] ($p < 0,01$) e significativa no grupo [5;0 - 5;11] ($p = 0,03$). Ou seja, a performance das crianças caracteriza-se por mais dificuldades nas OR, sendo que as diferenças de significância reflectem a existência de um padrão de desenvolvimento em termos de atribuição de papéis temáticos adequada em OR. Em contexto de irreversibilidade, as diferenças de proporção de atribuição correcta de papéis temáticos são significativas apenas no grupo [3;2 - 3;11] ($p = 0,001$). Ou seja, os grupos [4;1 - 4;11] e [5;0 - 5;11] já não manifestam dificuldades em atribuir papéis temáticos adequadamente em OI. Por outro lado, as assimetrias entre OR e OI são estatisticamente relevantes nos grupos [3;2 - 3;11] e [4;1 - 4;11] ($p < 0,01$), ou seja, nestas idades, claramente, a reversibilidade afecta a performance em IO. Em resumo, os dados parecem sugerir que as crianças têm mais dificuldades nas interrogativas de objecto, em geral, e nas interrogativas de objecto com verbo reversível, em particular. A reversibilidade parece afectar a performance nas IO, mas parece não ter efeitos no caso das IS.

Dois dos erros mais comuns em termos de atribuição de papéis temáticos foram a **inversão do papel temático** (produção de uma IS em vez de uma IO) e a **atribuição indeterminada de papel temático**⁴ (produção de uma interrogativa do tipo *Quem é que está a molhar?*, em vez de *Quem é que o pai está a molhar?*).

⁴ Este comportamento ocorreu sobretudo em contexto de OR. Numa interrogativa do tipo *Quem é que está a molhar?*, a atribuição do papel temático é indeterminada na medida em que se pode estar perante uma interrogativa de sujeito com objecto nulo (ISON) ou perante uma interrogativa de objecto com sujeito nulo (IOSN). De modo a averiguar a tendência das crianças para produzir um ou outro tipo de interrogativa, foi aplicado um teste de desambiguação a 10 crianças de 3 anos e a 10 crianças de 4 anos. Esse teste, de produção, era constituído por 20 interrogativas de objecto (10 com *Quem* e 10 com *O que*) com verbo reversível e com sujeitos plurais. O mecanismo de elicitação foi equivalente ao teste de produção aqui apresentado. Nas interrogativas com *Quem*, quando era produzida uma interrogativa deste tipo, as crianças de 3 anos produziram 47% de ISON e 53% de IOSN; as crianças de 4 anos produziram 42% de ISON e 58% de IOSN. Nas interrogativas com *O*

Em seguida, apresentam-se as proporções de inversão de papel temático em função do tipo de interrogativa:

	Inversão de papel temático							
	SR		OR		SI		OI	
[3;2 - 3;11]	2/200	1%	51/200	26%	0/200	0%	6/200	3%
[4;1 - 4;11]	0/200	0%	31/200	16%	0/200	0%	0/200	0%
[5;0 - 5;11]	2/200	1%	8/200	4%	1/200	0,5%	0/200	0%
G. Controlo	0/200	0%	0/200	0%	0/200	0%	0/200	0%

Tabela 5. Produção de interrogativas com papel temático invertido

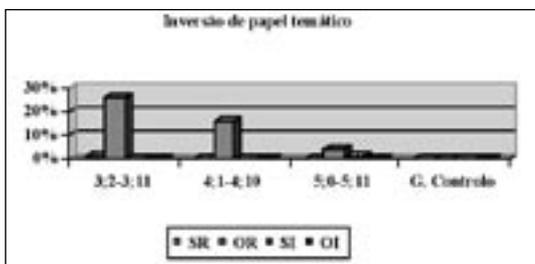


Gráfico 5. Produção de interrogativas com papel temático invertido

Este gráfico mostra que as OR são o único contexto em que ocorre, de forma consistente, a inversão de papel temático. Ou seja, este fenómeno parece ser condicionado pela presença de uma IO com verbo reversível. Por outro lado, é também observável um padrão de desenvolvimento: à medida que a idade das crianças aumenta, a percentagem de papéis temáticos invertidos diminui.

Em seguida, apresentam-se as proporções de atribuição indeterminada de papel temático em função do tipo de interrogativa:

	Atribuição indeterminada de papel temático							
	SR		OR		SI		OI	
[3;2 - 3;11]	0/200	0%	87/200	44%	0/200	0%	7/200	4%
[4;1 - 4;11]	0/200	0%	21/200	11%	0/200	0%	0/200	0%
[5;0 - 5;11]	1/200	0,5%	5/200	3%	0/200	0%	0/200	0%
G. Controlo	0/200	0%	0/200	0%	0/200	0%	0/200	0%

Tabela 6. Atribuição indeterminada de papel temático

que, quando era produzida uma interrogativa deste tipo, as crianças de 3 anos produziram 11% de ISON e 89% de IOSN; as crianças de 4 anos produziram 6% de ISON e 94% de IOSN. Ou seja, a reversibilidade conduz à produção de IO com papel temático indeterminado e esta estratégia é reforçada em interrogativas com *Quem*. Essa estratégia torna-se menos comum à medida que a idade da criança aumenta.

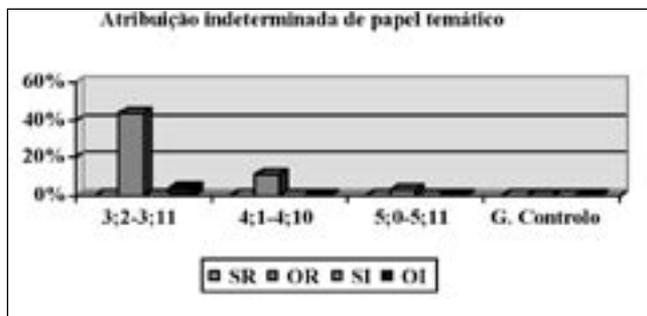


Gráfico 6. Atribuição indeterminada de papel temático

Este gráfico mostra que, à semelhança do que acontece no caso da inversão de papel temático, a atribuição indeterminada de papel temático parece ser altamente condicionada pela presença de uma IO com verbo reversível. Neste contexto, no grupo [3;2 - 3;11], as crianças utilizam a estratégia da não especificação dos papéis temáticos em quase metade das suas produções. Por outro lado, também aqui é observável um padrão de desenvolvimento: à medida que a idade das crianças aumenta, a percentagem de atribuição indeterminada de papel temático diminui.

Embora não seja apresentada uma tabela/gráfico que dê conta deste fenómeno, deve referir-se que no grupo [3;2-3;11] se verificou a produção consistente (em 28% dos casos) de interrogativas altamente desviantes (perguntas de sim/não, em 24% dos casos), em detrimento da interrogativa alvo. Este fenómeno é quase exclusivo das OI, sendo vestigial em OR e inexistente nas IS.

(D) Preenchimento de C

Este foi o contexto em que a classificação das interrogativas produzidas pelas crianças foi mais problemática. Os únicos contextos que permitem avaliar de forma segura que a gramática da criança projecta C são a inversão sujeito-verbo (ISV), nas IO, e a introdução de *é que*, em IO e IS. Ou seja, a produção de uma IS sem *é que* não assegura que C esteja disponível, embora neste trabalho se assumia que, na gramática adulta, uma interrogativa deste tipo projecta C.

Em seguida, apresentam-se os resultados dos dados analisados em função da utilização da estratégia *é que*:

	Interrogativas com <i>é que</i>							
	SR		OR		SI		OI	
[3;2 - 3;11]	24/200	12%	48/200	24%	25/200	13%	60/200	30%
[4;1 - 4;11]	152/200	76%	124/200	62%	171/200	86%	162/200	81%
[5;0 - 5;11]	188/200	94%	158/200	79%	188/200	94%	169/200	85%
G. Controlo	191/200	96%	200/200	100%	200/200	100%	200/200	100%

Tabela 7. Produção de interrogativas com *é que*

Tal como se referiu, juntamente com a utilização da estratégia de *é que*, a ISV, nas IO, também atesta a projecção de C. Para além da ISV (que foi observada raramente), as crianças recorreram a outras estratégias⁵ (também raras), não-gramaticais, que confirmam a projecção de C nas IO. A seguinte tabela dá conta da proporção de ISV e de outras estratégias em IO:

	Inversão Sujeito-Verbo				Outras Estratégias			
	OR		OI		OR		OI	
[3;2 - 3;11]	3/200	1,5%	7/200	4%	9/200	4,5%	13/200	7%
[4;1 - 4;11]	1/200	0,5%	0/200	0%	10/200	5%	19/200	10%
[5;0 - 5;11]	0/200	0%	0/200	0%	6/200	3%	2/200	1%
G. Controlo	0/200	0%	0/200	0%	0/200	0%	0/200	0%

Tabela 8. Produção de interrogativas com ISV e com outras estratégias

Em relação ao preenchimento de C, o que os dados permitem observar é que, a partir dos 4 anos, a utilização de *é que* constitui a grande estratégia para a formação de interrogativas. Nos grupos [4;1 - 4;11] e [5;0 - 5;11], CP está certamente disponível na gramática da criança, na medida em que as interrogativas com *é que* estão já bastante generalizadas. No grupo [3;2 - 3;11], embora os dados sejam mais dispersos, note-se que, em contexto de OI, o número total de vezes em que houve seguramente movimento para CP foi 80/200⁶, ou seja, 40% das vezes, o que torna problemático afirmar que a referida projecção está ausente nesta faixa etária.

4. Discussão e conclusão

Os dados recolhidos parecem sugerir que, à semelhança do que foi encontrado em contexto de aquisição de orações relativas em PE, existe uma assimetria relevante entre interrogativas de sujeito e interrogativas de objecto.

Em primeiro lugar, no que respeita à produção de interrogativas gramaticais, existe uma assimetria entre IS e IO que favorece as primeiras. Verificou-se que nenhum dos grupos de crianças manifesta mais facilidade na produção de IO. Por outro lado,

⁵ Estas estratégias correspondem, na verdade, a produções muito semelhantes: interrogativas de objecto nas quais o sintagma-Q se encontra movido, mas que são agramaticais, na medida em que carecem de ISV (ou da inserção de *é que*), sendo por vezes o argumento interno repetido na posição de base. Ex: Quem a mãe está a secar alguém? / Quem o pai está a molhar? / O que a senhora está a assar alguma coisa?

⁶ Tal como é possível verificar a partir das tabelas apresentadas, no contexto de interrogativas de objecto com verbo irreversível (OI), as crianças do grupo [3;2 - 3;11] recorreram a três estratégias que atestam a projecção CP: introdução de *é que* (60/200), ISV (7/200) e Outras Estratégias (13/7).

os dados também mostram que a assimetria existe tanto em contexto de reversibilidade como em contexto de irreversibilidade, sendo que o contexto de reversibilidade, no caso IO, gerou mais interrogativas gramaticais. Este fenómeno, como foi referido, deve-se ao facto de a reversibilidade, associada a um estímulo para IO, conduzir à produção de um número significativo de IS. Ou seja, as crianças produzem interrogativas gramaticais, mas desadequadas ao estímulo. No que respeita à gramaticalidade, deve ainda referir-se que a reversibilidade do verbo apenas afectou a performance das crianças nas IO. Nas IS, o facto de o verbo ser reversível ou irreversível não teve consequências visíveis. Ou seja, as dificuldades das crianças nas interrogativas em estudo parecem estar associadas a dois fenómenos: o facto de a interrogativa ser de objecto, em geral, e o facto de uma interrogativa de objecto incluir um verbo reversível, em particular.

Em relação à produção de interrogativas alvo, verificou-se que o grupo [3;2- 3;11] foi o que obteve piores resultados, tanto em IS como em IO. No entanto, lembremos que as crianças pertencentes a este grupo produziram uma percentagem de interrogativas gramaticais de sujeito tangente àquela que foi obtida nos outros grupos, incluindo o grupo de controlo. Os scores baixos de perguntas alvo em IS deve-se ao facto de estas crianças produzirem poucas interrogativas com *é que* (sendo este um dos critérios para a classificação, tendo em conta a utilização massiva desta estratégia por parte dos adultos do grupo de controlo). No entanto, as crianças de 3 anos produziram IS perfeitamente possíveis em PE, e fazem-no aproximadamente 100% das vezes, o que não se verificou nas IO. Por outro lado, os dados dos grupos [4;1-4;11] e [5;0-5;11] sugerem que uma competência adulta na produção de interrogativas é alcançada primeiramente em IS. Em relação às IO, essa competência é alcançada primeiramente em interrogativas de objecto com verbo irreversível.

Uma análise fina dos dados, tendo em conta a correcta transferência de papéis temáticos, permitiu aferir de um modo mais claro os motivos subjacentes às dificuldades encontradas nas IO. A hipótese de que as crianças a adquirir PE apresentam um défice na transmissão de papéis temáticos pode ser considerada pertinente tendo em conta a análise das diferentes estratégias por si utilizadas para produzir interrogativas de objecto. Verificou-se que as OR foram o único contexto em que a inversão de papéis temáticos, ou a sua atribuição indeterminada, ocorreu de forma consistente. Estas duas estratégias são mais frequentes no grupo [3;2-3;11] e vão diminuindo gradualmente com a idade, o que reflecte a existência de um padrão de desenvolvimento. Por outro lado, as OI foram o único contexto em que ocorreu a substituição da interrogativa alvo por uma interrogativa de sim/não, sugerindo que as crianças também exibem dificuldades nestas construções, mas recorrem a outra estratégia para as contornar.

Um aspecto apontado por um revisor anónimo e que merece destaque na presente discussão é a relação entre papel temático e constituinte-Q. De facto, *Quem* é [+animado] e *O que* é [-animado]. Consequentemente, *Quem* está mais associado ao papel temático de agente, o que poderia estar na base de alguns dos erros produzidos em OR. Por outro

lado, a eliciação de interrogativas com *O que* também originou produções características e exclusivas: interrogativas de sim/não. De modo a contribuir para o aperfeiçoamento do trabalho aqui apresentado, está a ser desenvolvido um estudo experimental em que os diferentes operadores se encontram perfeitamente equilibrados. Ou seja, um teste que, para além de interrogativas de sujeito e de objecto com *Quem*, inclui interrogativas de sujeito e de objecto com *O que*. No entanto, é importante sublinhar que a agentividade de *Quem* poderia justificar a produção de interrogativas de sujeito (em substituição de interrogativas de objecto), mas mais dificilmente justificaria a produção de interrogativas com papel temático indeterminado. Este tipo de erro, exclusivo das interrogativas de objecto, parece apontar para uma simbiose entre os dois aspectos: (i) interrogativa de objecto e (ii) interrogativa com operador agentivo. Finalmente, os erros encontrados em interrogativas com *O que* sugerem que as dificuldades em interrogativas de objecto não se devem exclusivamente à presença de um operador agentivo.

Em relação ao preenchimento de C, os dados são controversos. Por um lado, as crianças de 3 anos ainda não recorrem à estratégia de *é que/ISV* de forma sistemática. No entanto, o contexto de OI permitiu verificar que essas mesmas crianças preenchem C 40% das vezes, sendo que, nestes contextos, o constituinte-Q se encontra deslocado para uma posição da periferia esquerda. Ou seja, nesta faixa etária, CP parece estar parcialmente disponível. Seguindo a sugestão de um revisor anónimo⁷, poder-se-ia propor a subespecificação do traço [*uT*] na gramática inicial da criança, o que justificaria a ausência de *é que/ISV*, contrastante com a presença, em [Spec, CP], de constituintes-Q. Por outro lado, os grupos [4;1-4;11] e [5;0-5;11] já recorrem à estratégia de *é que* de forma consistente. Ou seja, nesta fase, CP é plenamente projectado (e os seus traços estão já plenamente especificados). No entanto, a sua presença não anula as dificuldades existentes nas IO, tornando problemático justificar as dificuldades encontradas em interrogativas de objecto a partir da (in)disponibilidade de CP na gramática da criança. Deste modo, tendo em conta as assimetrias entre IS e IO, os dados parecem estar mais de acordo com a hipótese de que as dificuldades em IO se devem a um défice na transferência de papéis temáticos.

Os dados aqui apresentados estão em consonância com a hipótese de Friedmann *et al* (2009), de Costa *et al* (2009) e de Friedmann & Costa (no prelo), tendo em conta a assimetria encontrada entre IS e IO. Contudo, estes resultados acrescentam que, ao contrário do que é proposto em Friedmann *et al* (2009), a ausência de semelhança estrutural entre sujeito e objecto não é suficiente para proporcionar uma performance óptima em IO. No estudo aqui apresentado, foram elicitadas interrogativas em que o constituinte-Q é desprovido de material lexical e mostrou-se que, também neste caso, as interrogativas de objecto são problemáticas. No entanto, em Cerejeira (2009) apresentam-se dados de

⁷ Sugestão essa extremamente útil e a qual agradeço.

compreensão de IS/IO *d-linked* e não *d-linked*⁸ que mostram que a semelhança estrutural entre o objecto directo e o interveniente reforça as dificuldades em IO. Embora os dados de compreensão não tenham sido aqui expostos, é importante referi-los e conjugá-los com os dados de produção. A sua confluência permite ir ao encontro da proposta recentemente desenvolvida nos trabalhos supracitados: o processo de transferência de papéis temáticos parece resultar da intervenção. Conclui-se, assim, que existem problemas com dependências que envolvem a intervenção de um constituinte e que, quando existe uma semelhança estrutural (caracterizada pela partilha de traços) entre o interveniente e o objecto movido, esses problemas são mais persistentes.

Referências

- Cerejeira, J. (2009). *Aquisição de Interrogativas de Sujeito e de Objecto em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa.
- Costa, J., M. Lobo, C. Silva, E. Ferreira. (2009). Produção e compreensão de orações relativas em Português Europeu: dados do desenvolvimento típico, de PEDL e do agramatismo. In *Actas do XIV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Braga, 2008.
- De Vicenzi, M., L. S. Arduino, L. Ciccarelli, R. Job. (1999) Parsing strategies in children comprehension of interrogative sentences. In: Bagnara, S. (Ed.), *Proceedings of the European Conference on Cognitive Science*. Rome: Istituto di Psicologia del CNR, pp. 301-308.
- Ervin-Tripp, S. (1970). “Discourse Agreement: How Children Answer Questions”. In *Cognition and the Development of Language*, ed. John R. Hayes, pp. 79-106. Wiley: New York.
- Ferreira, E. (2008). *Compreensão e Produção de Frases Relativas por Crianças com Perturbação Específica do Desenvolvimento da Linguagem e por Adultos com Agramatismo*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa.
- Friedmann, N., J. Costa (no prelo). The child heard a coordinated sentence and wondered: on children’s difficulty in understanding coordination and relative clauses with crossing dependencies. *Língua*.

⁸ De acordo com Pesetzky (1987), as interrogativas *d-linked* incluem um constituinte-Q discursivamente ligado, ou seja, formado por um quantificador interrogativo e por um N foneticamente realizado (ex: *Que menino é que está a abraçar o avô?*). Por seu turno, as interrogativas não *d-linked* incluem um constituinte-Q formado por um quantificador interrogativo isolado de material lexical foneticamente realizado (ex: *Quem é que está a abraçar o avô?*).

- Friedmann, N., R. Novogrodsky. (2004). The acquisition of relative clause comprehension in Hebrew: a study of SLI and normal development. *Journal of Child Language* 31: pp. 661-681.
- Friedmann, N., R. Novogrodsky. (2006). Is the movement deficit in syntactic SLI related to traces or to thematic role transfer? *Brain and Language* **100**(1): pp. 50-63.
- Friedmann, N., A. Belletti, L. Rizzi. (2009). Relativized relatives: types of intervention in the acquisition of A-bar dependencies. *Lingua*, 119: pp. 67-88.
- Pesetsky, D. (1987). *Wh*-in-situ: Movement and Unselective Binding. In E. J. Reuland & A. T. Meulen (eds.), *The Representation of (In)definiteness*, Cambridge, Mass: MIT Press, pp. 98-129.
- Pesetsky, D., E. Torrego. (2001). T-to-C Movement: Causes and Consequences. In M. Kenstowicz (ed.), *Ken Hale: A Life in Language*, Cambridge, Mass: MIT Press, pp. 355-426.
- Radford, A. (1990). *Syntactic Theory and the Acquisition of English Syntax*. Oxford: Basil Blackwell.
- Seidl, A., G. Hollich, J. Grinstead. (2003). Early Understanding of Subject and Object *Wh*-Questions. *Infancy* 4(3), pp. 423-436.
- Soares, C. (2006). *La Syntaxe de la Périphérie Gauche en Portugais Européen et son Acquisition*. Tese de Doutorado. Université Paris 8 – Saint Denis.
- Stromswold, K. (1995). The Acquisition of Subject and Object *Wh*-Questions. *Language Acquisition* 4, pp. 5-48.
- Tyack, D., I. Ingram. (1977). Children's Production and Comprehension of Questions. *Journal of Child Language* 4, pp. 211-224.
- Van der Lely, H. K. J. , J. Battell. (2003). *Wh*-movement in children with Grammatical-SLI: A test of the RDDR hypothesis. *Language*, **79**, pp. 153-181.